

Paul Romer e os desafios do crescimento

Pressionados por câmbio e combustíveis, preços aceleraram em setembro

Atividade industrial gaúcha voltou a crescer em agosto

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O economista Celso Toledo destaca que “em teoria econômica e economia aplicada, uma das questões mais intrigantes é entender por que algumas nações progredem e outras não.” Segundo o ganhador do Nobel, Robert Lucas, “uma vez que se começa a pensar sobre crescimento econômico, é difícil pensar em outra coisa”.

Paul Romer, um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Economia de 2018, dedicou boa parte da vida a esse desafio e expandiu um pouco mais o nosso entendimento sobre o crescimento econômico ao criar uma teoria sólida, popularizar e dar fundamentos para diversos termos, que hoje se utiliza em diferentes áreas da economia e administração de empresas, tais como: *learning-by-doing* e *spillovers of knowledge*.

Romer observou que o processo de convergência de rendas *per capita* entre os países, hipótese preconizada pelo modelo de crescimento neoclássico, não se observava empiricamente. O modelo vigente, conhecido como *Solow-Swan*, focava basicamente em dois determinantes para o processo de crescimento econômico: capital físico e trabalho. Tendo como base a hipótese de que os rendimentos dos fatores de produção tinham retornos decrescentes de escala, o livre mercado daria conta da alocação dos investimentos de tal maneira que, no longo prazo, os países convergiriam em termos de renda *per capita*. Nesses modelos, o conhecimento tecnológico era tido

como um recurso exógeno e disponível livremente.

O ganhador do Prêmio Nobel de 2018 expandiu o entendimento sobre os fatores determinantes para o crescimento de longo prazo ao mostrar que o conhecimento/avanço tecnológico dependeria de investimentos em educação, treinamento e pesquisa, e que não estaria regido pela limitação imposta pelo modelo neoclássico. Em outras palavras, tornou-se possível a existência de externalidades que produzem rendimentos crescentes para os fatores de produção. Nesse caso, o padrão de vida dos países não converge.

Se, por um lado, as conclusões dos trabalhos de Romer são um pouco desalentadoras, pois abrem a possibilidade de que alguns países sejam permanentemente subdesenvolvidas, por outro lado, a sua teoria deu espaço para o estudo de novas políticas econômicas que podem acelerar, ou apressar, o desenvolvimento de regiões deprimidas. A partir disso ficou mais claro que para um país alcançar níveis mais altos de produção é necessário investir em conhecimento, desenvolvimento tecnológico e na melhora do funcionamento da economia.

Portanto, todas as vezes que se ouvir que o Brasil precisa realizar as chamadas “reformas microeconômicas” para atingir um crescimento sustentável, saiba há um pouco das teorias do novo Nobel de economia nessa prescrição.

Pressionados por câmbio e combustíveis, preços aceleraram em setembro

A desvalorização cambial e o aumento na cotação internacional do barril do petróleo são os principais fatores que podem exercer pressão sobre os índices de preços da economia brasileira no curto prazo. Contudo, a intensidade dos repasses desses aumentos para os consumidores domésticos dependerá do aquecimento da atividade interna, o que é pouco provável até o momento.

O aumento no preço dos combustíveis pressionou o IPCA em setembro, que mostrou avanço de 0,48%. Os economistas de mercado, que informam as suas expectativas no Relatório Focus do Banco Central, esperavam um aumento ou pouco menor, 0,41%. O grupo de Transportes, com alta de 1,69% no mês, contribuiu com 0,31 pontos percentuais no índice cheio. No ano, o IPCA acumula alta de 3,34% e em 12 meses atingiu 4,53%.

Diante dos últimos resultados, especialmente após a crise nos transportes, as projeções para o fechamento de 2018 vem sofrendo constantes revisões por parte dos economistas. Atualmente a previsão para o fechamento do ano está em 4,40%, um valor 0,10 p. p. acima do esperado na semana anterior a divulgação do resultado de setembro.

Por sua vez, o INPC também acelerou em setembro,

com avanço de 0,30%. Em 12 meses a alta é de 3,97%, e a expectativa de mercado para o encerramento do ano está em 4,16%. Os grupos de Transportes, Alimentos e Habitação foram os principais responsáveis pelo aumento.

Refletindo a variação dos preços no atacado e dos insumos de produção, o IGP-DI avançou de 0,68%, em agosto, para 1,79%, em setembro. Na divisão do índice entre os estágios de produção, a inflação nos Bens finais foi de 1,55%, nos Bens intermediários, 2,92% e nas Matérias primas brutas o aumento foi de 3,25%.

Os dados mostram que a inflação segue contida nas cadeias mais próximas do varejo, de modo que o contágio inflacionário do atacado os preços ao consumidor segue moderado. A recente tendência de valorização do Real e a expectativa de estabilidade dos preços do petróleo, indicam uma moderação nos índices de inflação nos próximos meses.

Essa visão de uma interrupção da aceleração da inflação para os próximos meses é reforçada pelas expectativas de inflação para 2019. Conforme consta no último Relatório Focus, espera-se que o IPCA encerre 2019 com variação de 4,20%, o que é condizente com a meta para a inflação e indica que o mercado espera uma acomodação dos preços nos atuais patamares.

Atividade industrial gaúcha voltou a crescer em agosto

A atividade retomou à tendência de recuperação

Divulgado pela FIERGS, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que serve de termômetro para atividade do setor no estado, cresceu 0,5% em agosto, em comparação com julho, com ajuste sazonal. O resultado mantém o comportamento oscilante na margem (em oito meses em 2018 foram quatro crescimentos e quatro quedas), assim como a tendência de lenta recuperação.

O IDI/RS agrega a evolução de seis indicadores. Nessa base de comparação, o componente de compras industriais (+3,8%) exerceu o maior impacto positivo. Já as horas trabalhadas na produção cresceram 0,6%, enquanto a utilização da capacidade instalada (UCI), que mede quanto da capacidade de produção foi usada, aumentou 0,6 p.p. no período, com 81,7% em agosto. O faturamento real, por sua vez, pelo segundo mês seguido ficou estável. Por outro lado, a massa salarial real caiu (-1,5%) e o emprego voltou a registrar queda (-0,3%) depois de quatro meses de altas seguidas.

A expansão da atividade industrial gaúcha em agosto chegou a 4,7% ante o mesmo mês de 2017. Nessa métrica, o IDI/RS cresceu em seis dos oito meses de 2018 e só mostrou queda em maio (-6,6%) devido à crise dos transportes de carga.

No acumulado do ano até agosto, o IDI/RS cresceu 2,6% ante o mesmo período de 2017, impulsionado pelos componentes de compras industriais (+9,6%) e faturamento real (+4,1%). O emprego (+1,1%) e a UCI (+1,6 p.p.) também contribuíram, enquanto as horas trabalhadas (-0,4%) e massa salarial real (-3,0%) caíram.

Na comparação entre com janeiro a agosto de 2018 com o mesmo período do ano passado, 1,2 p.p. da taxa positiva da atividade industrial total é creditado ao setor de Veículos automotores (+16,5%). Outros nove dos dezessete setores pesquisados, no entanto, também aumentaram sua atividade, com destaque para Produtos de metal (+4,3%), Metalurgia (+16,3%), Borracha e plásticos (+3,3%) e Tabaco (+2,4%). Por outro lado, as maiores influências de baixa partiram de Têxteis (-7,4%), Vestuário e acessórios (-6,6%) e Bebidas (-2,2%).

Os Indicadores Industriais do RS de agosto mostraram que, superados os efeitos transitórios da crise dos transportes, a atividade do setor voltou à tendência de recuperação anterior. Esse processo, entretanto, segue lento e volátil, na esteira do ritmo fraco da demanda doméstica (consumo e dos investimentos), estimulada, por um lado, pela redução dos juros e da inflação e pela melhora do emprego e da confiança industrial, mas limitada, por outro lado, principalmente pela grande incerteza política, além do setor externo, que ficou ainda mais desfavorável com o agravamento da crise argentina e a volatilidade cambial, e do tabelamento do frete.

Vale destacar que a alta no mês deixa uma herança estatística de 2,9% para o restante do ano. Ou seja, se o crescimento médio até o fim do ano for zero, o IDI/RS mostrará expansão de 2,9% em 2018.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

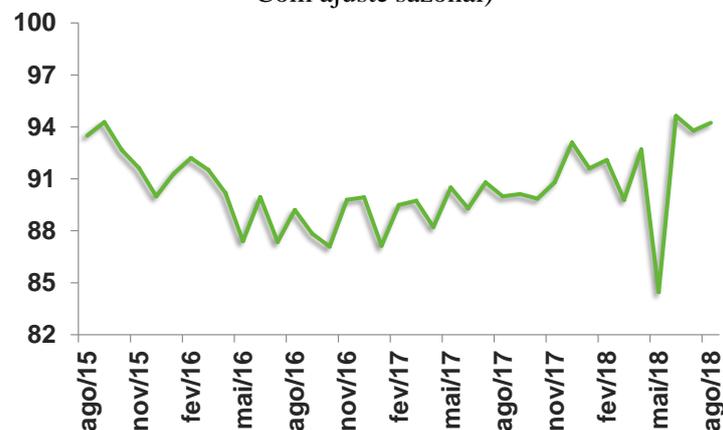
(Variações em % – agosto de 2018)

	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	0,5	4,7	2,6
Faturamento real	0,0	6,4	4,1
Horas Trabalhadas na produção	0,8	-0,4	-0,4
Emprego	-0,3	1,4	1,1
Massa salarial real	-1,5	-5,8	-3,0
UCI (p.p.)	0,6	2,7	1,6
Compras Industriais	3,8	18,1	9,6

* Dessazonalizado

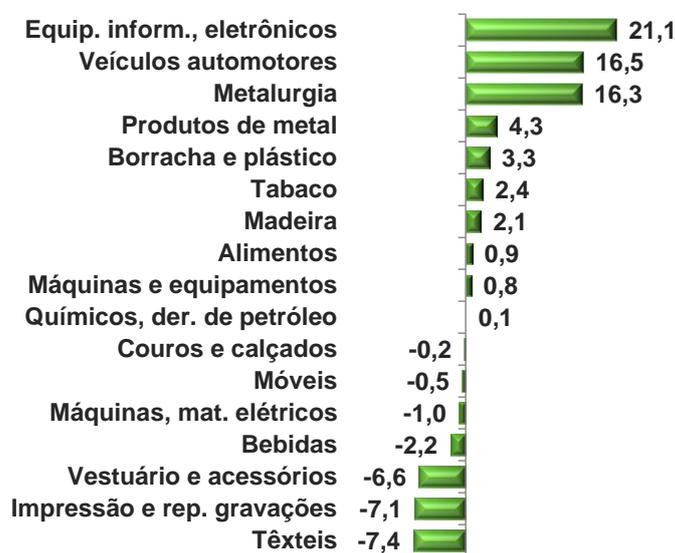
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS

(Índice de base fixa mensal – Média 2006=100 – Com ajuste sazonal)



Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-ago 2018/jan-ago 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.